

A SOCIEDADE COMO PASSAGEM E A NATUREZA COMO PERMANÊNCIA

Reginaldo José de Souza¹

A presente nota resulta de reflexões e leituras que venho realizando em minha prática docente a partir de um debate sobre a sublimidade da Natureza, que coloca o ser humano em uma condição de quase insignificância cósmica.

Atualmente, muitos desafios são colocados com o advento da pandemia e a nossa fragilidade enquanto seres humanos está sendo exposta de maneira cruelmente didática. A minha reflexão não será necessariamente sobre aspectos específicos da pandemia do coronavírus. Em um primeiro momento, gostaria de deixar isso bem claro para que o leitor não se sinta enganado em relação ao conteúdo deste texto.

A minha nota tem como foco tratar de temáticas que julgo pertinentes e que nos ajudam a problematizar um pouco do conceito de Natureza² e o modo como a sociedade ocidental vem operando suas ações com base em um modo próprio de se apoderar e usar a natureza como recurso para a sobrevivência.

¹ Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim-RS. reginaldo.souza@uffs.edu.br.

✉ Rodovia ERS 135, Km 72, 200, Noza Rural, Erechim, RS. 99700-970.

² O leitor notará que diferencio a palavra natureza de Natureza. Minha inspiração é Saramago, quando fala da diferença entre morte e Morte. A palavra, em minúscula, define aquilo que é do humano, a palavra em maiúscula define aquilo que está para além do humano.

A sociedade como passagem e a natureza como permanência
Reginaldo José de Souza

Eu começo com uma reflexão sobre o meio ambiente e o modo como a sociedade contemporânea o torna, antes de uma realidade concreta, uma estratégia de controle social econômico-ecológica. Defenderei a ideia de que a noção de meio ambiente funciona como uma forma de garantia do eterno controle social sobre a Natureza.

Como quase nada mais neste mundo é considerado natural, quase tudo é artifício ou produto socialmente transformado em função dos projetos humanos, então, o meio ambiente acaba sendo uma boa alternativa do ponto de vista de uma tentativa de manutenção do controle social sobre a Natureza.

Mas, considero importante trazer à tona uma reflexão sobre o caráter sublime da Natureza. Pressuponho um conflito entre o meio ambiente e a Natureza: enquanto a primeira noção nos leva a uma ideia de que a sociedade é eterna sobre a superfície da Terra, a concepção da Natureza vem (ou deveria vir a) superar essa ideia, visto que é muito mais viável pensarmos na Natureza como permanência e na Sociedade como um evento passageiro na história do planeta, do sistema solar e do cosmos.

Também pretendo abordar a questão dos riscos que todos nós sofremos diante das dinâmicas sublimes do natural e considerar a própria existência da doença e da morte como manifestações comuns da Natureza eterna e infinita. Com isto, tratarei brevemente da pandemia que nós vivemos agora como uma **pedagogia da nossa própria fragilidade** diante das dinâmicas mais poderosas que as intenções, desejos e projetos humanos.

Sou um tanto curioso em relação ao significado da Natureza e gostaria de começar essa apresentação a partir de um argumento que, talvez, os leitores não concordarão comigo, principalmente os ambientalistas mais apaixonados. Afirmo que nós **não precisamos salvar a Natureza**. Sei que, em um primeiro momento, é difícil concordar com uma afirmação aparentemente tão absurda.

Porém, quero provocar uma reflexão sobre a miríade de discursos em defesa da Natureza. Eles andam muito cheios de vazio. Geralmente, preocupamo-nos com certo excesso em “salvar o planeta”, “salvar as florestas”, “salvar as águas”, “salvar o clima” etc. Mas, para alcançarmos um entendimento sobre a importância da Natureza em nossas vidas e das nossas vidas na Natureza, vejo que é necessário superar um modelo de percepção, ou seja, aquele que nos coloca numa posição de seres eternos em meio a uma natureza finita.

Nós somos diariamente convocados a guardar recursos para gerações futuras. Com isso, só me resta entender que a Sociedade opera suas ações a partir de alguma espécie de contrato político com garantia efetiva de que haverá essas gerações futuras desde o momento presente.

Porém, na geração do agora, acontece uma coisa bastante perturbadora que é a fome. Muitas pessoas estão morrendo de fome no mundo enquanto escrevo este texto, enquanto nós tentamos levar o nosso cotidiano da forma mais adequada possível, sobretudo nestes tempos de pandemia.

A sociedade como passagem e a natureza como permanência

Reginaldo José de Souza

No presente momento, certamente existe morte de pessoas por desnutrição e, assim, a miséria é um problema que não está no mesmo foco de importância, por exemplo, quanto aquele do aquecimento global ou das mudanças climáticas. Quem, nos últimos tempos, fez alguma greve para alimentar os famintos do mundo?

Na medida em que uma parcela da população sofre com toda a geração da fome e da desigualdade social, nós todos somos responsáveis pelo fato dessa parcela da população sentir, perceber e interpretar as coisas da Natureza de maneira diferenciada. Para quem vivencia a fome, a Natureza é muito mais punitiva do que para as pessoas que têm algum recurso para se alimentar, que têm uma moradia, enfim, energia e abrigo todos os dias.

Entre tantos esquecimentos do dia a dia, um deles que me chama muito a atenção e me deixa bastante angustiado é o seguinte: quase nunca paramos para pensar que estamos enfrentando, de maneira trabalhosa, o próprio movimento de rotação e de translação do planeta. Essas duas forças são tão impressionantes!

Ao considerarmos apenas essas duas potências astronômicas não precisaríamos sequer pensar em salvar o planeta ou salvar a Natureza, pois, elas estão tão fora do nosso controle, tão além da nossa capacidade de manipular os processos e as dinâmicas naturais e, muitas vezes, não paramos para pensar no significado disso.

A rotação e a translação da Terra ativam nossos processos biológicos/fisiológicos juntamente com todas as mudanças dos ciclos necessários à manutenção da vida. Isto é certo. Contudo, também é correto pensarmos que estes movimentos astronômicos nos fazem envelhecer e morrer. Enfrentá-los todos os dias com fome e ao desabrigo, sem ter um lugar decente para dormir e descansar, bem, esse enfrentamento é muito mais penoso para quem não possui recursos suficientes para garantir a sua própria dignidade perante à Natureza.

Porque a Natureza também tem tal capacidade de nos subtrair a dignidade. A Natureza não é só a harmonia ou, como muito se percebe em alguns discursos ambientalistas, maternal, acolhedora e pacífica. Há também a dimensão caótica e essa dimensão caótica não desperta a nossa atenção para entendermos uma coisa muito simples: **no caos natural a nossa vida não tem a menor importância.**

Na vida social, aparentemente operamos como se a existência do humano fosse a finalidade da Natureza. Como se a história natural tivesse como objetivo máximo a vida humana neste planeta. Mas, fica a questão: o que, de fato, garante isso? A única certeza que podemos ter em relação à dinâmica natural é que ela funciona independentemente das nossas vontades e intenções.

Deste raciocínio emerge a reflexão sobre a Morte. Como diria José Saramago, não a morte minúscula, mas, a Morte. Futuramente nós não existiremos mais. Eu, tu, eles, o planeta, a galáxia... A Morte não é uma especulação ou um relativismo. Se o futuro já existe, nele estamos todos aniquilados. No entanto, a Morte maiúscula não aniquila a Natureza porque ela, em si, é a Natureza em permanência. Por outro lado, a morte minúscula é a nossa passagem.

A sociedade como passagem e a natureza como permanência

Reginaldo José de Souza

A Natureza não tem intenções ou julgamentos. Ela não nos quer fazer o mal, assim como também não nos quer fazer o bem, pois, não possui razão, simplesmente **sendo o que é**, acontece, flui, passa sendo perpétua. Neste movimento ocorre algo de inusitado: democraticamente estamos todos condenados à Morte e a nossa finitude é a nossa única certeza.

Mas, com isso surge um alerta necessário. De modo algum quero dizer que, então, não precisamos mais nos preocupar com nada, como se a certeza da finitude fosse o aval para não preservar ou conservar os recursos (a floresta, a qualidade das águas, a qualidade do ar). Apenas afirmo o seguinte: é inviável nos preocuparmos, no agora, por exemplo, com a sustentabilidade ambiental, com o desenvolvimento sustentável, pensando nas gerações futuras, enquanto nós temos gerações no presente morrendo de fome. Este é o paradoxo a ser enfrentado.

Penso não ser mais possível continuarmos agindo de acordo com uma racionalidade de supervalorização do “meio ambiente”, que é uma palavra muito poderosa, como substitutivo do conceito de Natureza, pois, não chamamos mais nada de Natureza já que tudo é “meio ambiente” – aqui, vale o adendo para sinalizar que o meio ambiente seria a Natureza transformada em recurso dentro de concepções utilitaristas na sociedade contemporânea.

A redução da Natureza ao mero alcance do recurso acalenta a nossa razão e o nosso pensamento porque ainda se tem, a partir dessa ideia de recurso, algum intento de controle e de organização das coisas da Natureza. Mas, o caos natural continua existindo e ele vai continuar existindo, visto que a Natureza também é desordem em relação à nossa capacidade de dominar toda a imensidão nos limites da nossa reflexão lógica.

A Morte já é um dado certo para todos nós. Daqui a uma centena de anos nenhum de nós evidentemente existirá. Por outro lado, resta a pergunta: diante desta informação, o que é que nós podemos fazer para nos “salvamos”, ao invés da Natureza, a nós mesmos? Nós precisamos salvar a vida humana no planeta enquanto ela ainda é possível!

Hoje em dia, e desde tempos irracionais, a guerra, o confronto, a tentativa de eliminação do outro, compuseram o aspecto vil da perversão desumana. Pela guerra, que não é uma arte, o ser humano retorna para comportamentos instintivos naturalistas, animais com a finalidade de garantir a sobrevivência de modo egocêntrico. Enquanto os assassinatos bélicos acontecem, nós tentamos fugir de nossa parte natural que incomoda à razão: aquela natureza animal que nos eleva arrogar o estatuto de superioridade com relação aos animais, pois, temos a capacidade de racionalizar e usar a nossa consciência para produzirmos ações intencionais, diferentes dos instintos primitivos.

No entanto, durante a guerra, toda essa diferença cai por terra, tendo-se em vista que nós nos aproximamos de qualquer bicho que existe na natureza. Em uma floresta, quando eu vejo um animal matando o outro para satisfazer sua fome ou para proteger a si ou seu bando, esse tipo de comportamento nele é completamente perdoável, afinal eles não tem a consciência, a racionalidade e a sensibilidade ao seu favor.

A sociedade como passagem e a natureza como permanência

Reginaldo José de Souza

Com seres humanos o princípio existencial deveria ser outro. Nós temos a capacidade de racionalizar os fenômenos da realidade: a nossa própria existência, a nossa própria corporeidade, a nossa mente e o nosso pensamento. Nós produzimos filosofia, produzimos ciência e temos os diferentes conhecimentos religiosos, tudo o que nos diferenciaria definitivamente do comportamento animalesco. Entretanto, muitas vezes, as guerras também são promovidas inclusive por diferenças religiosas!

O que pretendo dizer: na sociedade contemporânea nós nos esforçamos sobremaneira para nos afastarmos da natureza, nós podemos voar em aviões, nós podemos viajar rapidamente de uma cidade para outra com automóveis de tecnologia de ponta, nós usamos instrumentos cibernéticos para comunicação, enfim, temos uma parafernália tecnológica que, sim, nos humaniza.

Mas, ao mesmo tempo, utilizamos da tecnologia para prejudicar o outro, suprimi-lo ou, em situações mais extremas, matá-lo. Então, junto com essas ações bastante egocêntricas o que acontece? A distribuição dos recursos da natureza acaba sendo bastante diferenciada entre quem tem poder e não tem.

Para quem tem dinheiro, a Natureza não é ameaçadora. Para quem não tem dinheiro, ela é extremamente ameaçadora e, para piorar, dentro de uma perversão de pensamento no mundo contemporâneo, é quase como uma punição. O raciocínio seria este: se você não tem dinheiro é porque você não trabalha, portanto, não tem o direito de ter uma boa moradia e de viver em sítios seguros de intempéries variadas (tempestades, vendavais, escorregamentos de massa, alagamentos, frio, calor).

Ao se estabelecer esta diferenciação, do ponto de vista de quem e de como se percebe a Natureza, automaticamente podemos associar isso com a desigualdade de distribuição de riquezas no mundo em que vivemos. Por isto, concluo: não é necessária a preocupação com a "salvação" da Natureza. A "salvação" da humanidade sim é um bom objetivo a ser perseguido. Por uma questão felizmente democrática, todos nós morremos. Ricos, pobres, negros, brancos, indígenas, homens, mulheres, gays, lésbicas, transgêneros... Podemos ser o que bem entendermos, no entanto, do ponto de vista de uma verdade da Natureza, nós todos morre(re)mos.

Logo, o desafio existencial a ser superado viria como uma boa resposta à seguinte pergunta: o que nós fazemos da nossa vida e da vida dos nossos semelhantes enquanto o processo da vida humana não se finda? Por natureza e pela Natureza já estamos todos condenados à morte e à Morte. Agora, em vida, nós devemos aprofundar ainda mais essa condenação suprimindo a capacidade de sobrevivência do outro? Invisibilizando a penúria, a miséria e a fome? Esquecendo-nos dessas urgências tão reais em nosso dia a dia e pensando na "salvação" de uma Natureza que dispensa, por completo, esse tipo de comportamento messiânico?

A sociedade como passagem e a natureza como permanência
Reginaldo José de Souza

Bem, os desafios estão todos apresentados e, sendo muito otimista, tenho comigo que a Humanidade já está munida dos devidos meios e recursos para fazer de sua própria passagem, na grande Natureza, algo bem melhor do que o passado e o presente marcados por dizimações e genocídios. Em nosso país, temos mais de 500 mil pessoas mortas por uma doença cuja causa é o natural aparecimento de um vírus. Porém, enquanto todos **não morremos**, cabe refletir: o que poderíamos ter feito para que esta tragédia não tivesse acontecido? O que deveremos fazer?

UMA REFLEXÃO PAISAGÍSTICA PARA TERMINAR...

Através das andanças que faço por aí, sempre fico pensando que buscamos, em primeiro lugar, o encantamento das paisagens. Viajar é sair em busca de novos horizontes que se apresentam como paisagens em nossa imaginação.

No dia 15 de janeiro de 2019, em visita ao Museu de Belas Artes de Buenos Aires, fui pego de surpresa por uma pintura da escola flamenca, do século XVII. "A Luta contra a Morte" é o nome do quadro (Figura 1; Figura 2; Figura 3). Engraçado foi perceber que, naquela luta, todas as pessoas estão num mesmo exército, reis, cidadãos e camponeses.

O que me ocorreu diante do quadro foi que a ideia era justamente retratar o dilema inerente à vida humana: por mais que sejamos diferentes ou que as condições de vida sejam muito desiguais, nós sempre perdemos na luta contra a Morte. Venho sempre falando em minhas aulas, ou em diálogos com colegas, que a Morte funciona como o maior equalizador social, pois, ela finaliza a existência de qualquer um sem atenção à quantidade de riqueza ou poder de uma pessoa.

Mesmo que, no cemitério, ainda nem todos os cadáveres se igualem (já que há túmulos extremamente suntuosos e cheios de obras de arte, como vi naquele dia no cemitério da Recoleta), debaixo da **mesma** terra todos entram em um **mesmo** processo de decomposição e finalização de suas existências. A sublimidade de uma paisagem é, ou deveria ser, entendida como a representação da sublimidade da Natureza.

No final das contas, na sublimidade da paisagem/Natureza, todos lutamos para manter a beleza das nossas vidas. Mas, na prática, a sublimidade da paisagem é sempre substituída pela praticidade dos egos e dos individualismos ora mais ora menos alienados e alienantes. A estupefação com essa pintura foi porque vi transformada em arte uma ideia que arrebatava e alucinava minhas emoções, cada vez mais.

Na paisagem, estamos todos a lutar contra a nossa finitude. Um dia vamos entender que essa luta é uma ilusão e que, efetivamente, precisamos garantir a vida com dignidade para cada um de nós e para todos os outros tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão iguais a cada um de nós. Por que precisamos fazer isso? É simples: um dia a gente morre... E a Natureza, jamais!

A sociedade como passagem e a natureza como permanência
Reginaldo José de Souza



Figura 1 – Retrato tirado em 2019 do quadro “A Luta contra a Morte”, de David Vinckboons, exposto no Museu de Belas Artes de Buenos Aires

Fonte: R. J. de Souza, 2021.

A sociedade como passagem e a natureza como permanência
Reginaldo José de Souza



Figura 2 – Detalhe da Morte implacável apontando sua flecha “sem olhar a quem”
Fonte: R. J. de Souza, 2021.

A sociedade como passagem e a natureza como permanência
Reginaldo José de Souza



Figura 3 – Detalhe da nobreza, também combatente, em uma situação na qual não há escapatória: todos morrem
Fonte: R. J. de Souza, 2021.

A sociedade como passagem e a natureza como permanência
Reginaldo José de Souza

Embora não faça citações ou referências diretas no texto, minhas inspirações encontram-se na bibliografia a seguir. ☉

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. **Física I-II**. Campinas: Unicamp, 2009.

BERTRAND, Claude; BERTRAND, Georges. **Uma geografia transversal e de travessias**: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Maringá: Massoni, 2009.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BUDD, Malcolm. A apreciação estética da natureza. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord.). **Filosofia da paisagem**: uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. p. 300-316.

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2017.

LARRÈRE, Catherine; LARRÈRE, Raphaël. **Du bon usage de la nature**: pour une philosophie de l'environnement. Paris: Alto Aubier, 1997.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. Paisagem: natureza perdida, natureza reencontrada? **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, n. 2, ano 1, p. 7-27, 2013.

SOUZA, Reginaldo José de. **Paisagem e Socionatureza**: olhares geográfico-filosóficos. Chapecó: EDUFFS, 2018.